

Movimento Iconoclasta:

A Guerra Simbólica antes do Conflito Armado entre Rússia e Ucrânia

Claudio da Silva Costa¹



Estátua de Vladimir Lênin em Kharkin, Ucrania

A guerra entre a Rússia e a Ucrânia, que se segue desde 24 de fevereiro de 2022, é um tema muito complexo em que há a possibilidade de análise por vários ângulos. O objetivo deste artigo é explorar as questões simbólicas que antecederam o conflito partindo dos ataques aos monumentos dedicados aos heróis soviéticos na Ucrânia, como a estátua de Vladimir Lênin (Foto abaixo), principal nome da Revolução Russa de 1917 e ícone da União Soviética, que foi derrubada na cidade de Kharkiv, ainda em 2014. Ou seja, havia já uma guerra simbólica em andamento antes mesmo do conflito armado propriamente dito.



Foto Igor Chekachkov

¹ Claudio Costa, mestre, amigo, pai, esposo, nos deixou de forma repentina no início deste ano, privando a todos do seu brilhantismo e intelecto incomparável. Com sua maestria única de transformar simples palavras em reflexões e ensinamentos grandiosos, fica seu último, mas não menos importante, artigo acadêmico. De sua perda ainda sentida, fica o legado e o privilégio dos que puderam compartilhar de sua breve e inesquecível jornada.

Antes de adentrar na esfera simbólica, faz-se mister uma breve explicação sobre as origens da guerra. O estudo realizado pela Escola Superior de Guerra e publicado no Caderno de Estudos Estratégicos (2022) aponta os antecedentes do conflito, demonstrando alguns aspectos que giram em torno de divergências nas narrativas identitárias, além de as relações tensionadas entre a União Europeia e a Rússia que implicam a questão de segurança energética, a intervenção militar russa na Síria e a crise na Ucrânia.

Em relação a tensão entre a União Europeia e a Rússia, a ESG destaca em seu estudo que a situação ganha maior aspereza após a anexação russa da Crimeia e o apoio a grupos separatistas em Donetsk e Lugansk (região a leste da Ucrânia conhecida como Donbass), o que vai agravar a xenofobia na Ucrânia. Neste sentido, Aparecido e Aguilar (2022) afirmam que, a partir de 2004, que foi período de eleições e da Revolução Laranja, ficou bem nítida a divisão da Ucrânia entre leste e oeste. A entender que, no leste, predominam os falantes de língua russa e uma aproximação com a Rússia. E, no oeste, os falantes de ucraniano, que no passado pertenceu a Polônia, tendem para uma aceitação do discurso pró-Occidente.

Nas eleições de 2004, confrontaram-se Viktor Andriyovych Yushchenko (pró-ocidente) e Viktor Fédorovytch Yanukóvytch (pró-Rússia), que mesmo com o apoio do leste ucraniano, não conseguiu derrotar Yushchenko, que se tornou presidente da Ucrânia. No pleito de 2010, Viktor Yanukóvytch consegue vencer a disputa presidencial, novamente contando com os votos do leste ucraniano. Neste ponto, Aparecido e Aguilar fazem uma ponderação: “A fidelidade cultural dos chamados ucranianos “pró-russos” parece estar mais nos valores do passado soviético do que na Rússia de hoje, mas esta usa o discurso antiocidental para absorver esses valores e transferi-los para si mesma”.

Entre o final de 2013 e início de 2014, ocorreram várias manifestações nas principais cidades da Ucrânia que reivindicavam, principalmente, a aproximação tanto no aspecto político como simbólico com a Europa em detrimento a posição do presidente Yanukóvytch que atendia aos interesses da Rússia de Vladimir Putin. Este movimento político ficou conhecido como Euromaidan inicialmente e, depois, como Revolução da Dignidade (GONTIJO, 2021). Além desta reivindicação fulcral, no Euromaidan havia também a rejeição ao autoritarismo do presidente Yanukóvytch e o uso exacerbado das forças policiais, inclusive com denúncias da violação dos direitos humanos. O movimento resultou na deposição do presidente que acabou por se exilar na Rússia.

A Rússia de Putin viu que a sua influência sobre a Ucrânia estava debilitada e fez um movimento que causou a condenação da ONU que foi a anexação da Crimeia (território soviético que havia sido cedido a Ucrânia, em 1954) e foi neste contexto que grupos armados pró-Rússia tomaram a região de Donbass (Donetsk e Lugansk), iniciando um conflito entre o Estado ucraniano e os separatistas pró-Rússia, que queriam o reconhecimento da independência das Repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk.

Em 2019, o humorista Volodymyr Zelensky vence a eleição para presidente e, como analisou a ESG, tendo como propostas principais a retomada da Crimeia, avançar contra os separatistas de Donbass e viabilizar o ingresso da Ucrânia na OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Estas propostas entraram em choque com os interesses estratégicos da Rússia. E, no mês de fevereiro

de 2022, Vladimir Putin enviou as suas tropas para o leste da Ucrânia que eram controlado em grande medida por grupos separatistas apoiados pelos russos. No dia 24 de fevereiro, os russos invadiram a Ucrânia dando início ao conflito armado.

Este breve relato sobre as origens da guerra Rússia-Ucrânia não contempla todas as variáveis que incidem sobre o conflito, no entanto, funciona como uma forma de apresentar sucintamente a dinâmica a ser desenvolvida neste artigo.

NOVO MOVIMENTO ICONOCLASTA

Na região ucraniana de Dnepropetrovsk, na cidade de Krivoi Rog, uma estátua de Vladimir Lenin foi derrubada no dia 01 de outubro de 2014 (foto). Na verdade, foram, no prazo de 4 dias, três estátuas do líder soviético derrubadas em várias regiões da Ucrânia. Neste caso específico, um grupo denominado "Krivoi Rog contra o regime da ditadura" já havia tentado derrubar a estátua, mas foram impedidos pela polícia (Exame, 2014).



Foto: Fabrizio Bensch/Reuters

Esta sequência de ataques aos monumentos em homenagem a Lenin está inserida em um contexto de manifestações que resultaram no EuroMaidan. Neste sentido, é preciso datar a primeira estátua (foto abaixo) a ser atacada, que foi em 08 de dezembro de 2013, na praça central de Kiev, os manifestantes responsáveis pela derrubada da estátua se colocavam favoráveis a aproximação da Ucrânia com a União Europeia e reivindicavam a renúncia do presidente Viktor Yanukovych. Essa estatua de Lênin era feita de quartzito vermelho e estava instalada na praça desde 1946 e é uma obra do escultor Sergei Merkurov, que frequentou o estúdio do grande mestre August Rodin. Neste ato, o grupo portava as bandeiras do Partido da Liberdade, mais conhecido como Svoboda, anteriormente era chamado de Partido Social-Nacional da Ucrânia, um partido ultranacionalista étnico que atuou de forma intensa e violenta na oposição ao governo de Yanukóvytch.



Foto Reuters

A maior estátua de Lenin erigida na Europa foi derrubada em 28 de setembro de 2014, em Kharkiv, leste da Ucrânia, e contou com cerca de 3000 mil manifestantes que se reuniram para destacar a posição pró-Ucrânia deste grupo. Este ataque aconteceu em meio ao conflito entre a Ucrânia e os separatistas pró-Rússia da região de Donbass. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), entre abril e setembro de 2014, cerca de 3200 pessoas foram mortas neste conflito (G1, 2014).

Os monumentos em homenagem à Vladimir Lenin foram os alvos centrais, no entanto, outras estátuas que remetiam ao passado da União Soviética foram atacadas como o monumento ao Marechal de Campo russo Mikhail Kutuzov que foi demolido no oeste da Ucrânia, na cidade de Brody. Kutuzov é considerado um herói por ter sido o comandante-em-chefe das tropas que venceram Napoleão Bonaparte; sua relevância o levou a figurar, como personagem, na obra Guerra e Paz, de um dos maiores escritores russos de todos os tempos, Leon Tolstói. Em 23 de fevereiro de 2014, a estátua denominada de o “Soldado Soviético” (foto) foi derrubada na cidade de Stryl. Este monumento foi erigido para perpetuar a memória das tropas da União Soviética que lutaram na Segunda Guerra Mundial. Durante o ato, os manifestantes cantaram que “nós não somos a Rússia, nem soviéticos” (Opera Mundi, 2014), marcando uma posição identitária diante da tensão entre a Rússia e a Ucrânia.



Stryl.com

O apagamento da memória soviética na Ucrânia não se restringiu aos ataques aos monumentos. O governo de Petro Poroshenko, que havia vencido a eleição de 2014, após a Revolução da Dignidade, promoveu, em 2017, medidas de cunho nacionalistas e encaminhou um movimento de “descomunização”, renomeando vários nomes de ruas, bairros e cidades que remetiam ao passado soviético. O governo ucraniano informou que foram mais de 52 mil ruas que tiveram os nomes trocados, além de 32 cidades e 25 regiões que homenageavam o legado da União Soviética. A alteração de toponímias é um recurso utilizado para ressignificar locais que são marcados por uma herança que já não é mais considerada adequada por um Estado ou uma sociedade. E, o processo de provocar um esquecimento, partindo de uma destruição da memória e do patrimônio, via ataques a monumentos, para pontuar uma identidade específica não é um fato isolado. Nos últimos anos e em vários países, os ataques a monumentos se tornaram uma prática recorrente, inclusive no Brasil. Talvez, estejamos diante de um novo Movimento Iconoclasta.

Entre os séculos VIII e IX, no Império Bizantino, houve um conflito que girou em torno de a veneração de ícones, imagens religiosas, que se denominou Movimento Iconoclasta. O Imperador Leão III foi quem dá início a política iconoclasta, ou seja, a destruição de imagens, que podiam ser pinturas, gravuras, esculturas religiosas, como as imagens de Cristo, da Virgem Maria, de santos, anjos, etc. Segundo Fernandes (2015), há alguns vieses a serem considerados para a motivação deste movimento; um deles é de fundo religioso, pois esse pólemos se enceta com o objetivo de purificar o cristianismo da idolatria dos que veneravam imagens sagradas (os iconólatras), aproximando-se dos preceitos seguidos pelas outras religiões do Livro (Judaísmo e Islamismo) que não cultuam imagens. Destarte, este movimento buscava uma “espiritualidade pura” para o cristianismo. Outro viés de explicação passa por uma abordagem política, pois os imperadores bizantinos estavam incomodados com a riqueza e a influência dos monges no império e, por isso, queriam limitar o poder da Igreja. Neste período, houve uma ampla perseguição aos monges com a destruição de mosteiros que armazenavam as imagens. A situação só se resolveu de forma peremptória, em 843, com o chamado Triunfo da Ortodoxia, onde foi restabelecido o culto das imagens. Este dia, 11 de março de 843, ficou conhecido como Domingo da Ortodoxia, o dia da condenação da iconoclastia, em que o documento que registrava o acontecimento foi depositado no altar da Igreja de Santa Sofia.

A destruição de monumentos no século XXI, ou seja, no novo movimento iconoclasta, assume um corte de variadas motivações, diferentemente, das motivações do iconoclasmo bizantino. Neste cenário, os protestos resultaram e resultam em derrubadas de estátuas que fazem referência a pessoas e símbolos ligados ao colonialismo, ao racismo e à escravidão como a estátua de Cristóvão Quilombo que foi decapitada, em 9 de junho de 2020, na cidade de Boston (EUA). Também, em 2020, na Inglaterra, houve a derrubada da estátua de Edward Colston, conhecido traficante de escravos, que foi jogada no rio da cidade de Bristol.



Estátua de Cristóvão Colombo decapitada
Foto AFP



Estátua de Edward Colston jogado no rio Foto Bem Birchall

Nos Estados Unidos, houve uma iniciativa das autoridades da Carolina do Sul de retirar as estátuas em homenagem aos personagens da Confederação, como o general Roberto Lee. Isto se deveu após o jovem supremacista Dylann Roof assassinar, em 2015, nove pessoas que frequentavam a Igreja Metodista-Episcopal Emanuel, um local tradicionalmente de encontro da comunidade negra, em Charleston. Vale lembrar que na Guerra de Secessão estadunidense, os estados confederados defendiam a escravidão. A situação se desdobrou em várias manifestações e, em 2017, na cidade Durham (Carolina do Norte), uma estátua dedicada aos soldados confederados foi derrubada. Além disso, as estátuas do Rei Leopoldo II da Bélgica foram vandalizadas nas cidades de Bruxelas e Antuérpia, em junho de 2020 e a estátua do bandeirante Borba Gato (foto abaixo) que foi incendiada, em 24 de julho de 2021, na zona sul de São Paulo (Brasil).



Foto Thais Haliski

Todos esses ataques aos monumentos revelam uma proposta de ressignificação da sociedade e realizam um posicionamento de qual nação é desejada para o Estado. Os ataques aos monumentos soviéticos por parte dos ucranianos estão inseridos em uma iconoclastia que formula uma identidade que se quer nacional.

IDENTIDADE UCRANIANA

Segundo Gontijo (2022), o espaço que atualmente a Ucrânia ocupa nunca foi um território marcado por uma nação unificada, pois já ficou sob a dominação polonesa-lituana, austríaca ou russo. Desta forma, a região mais a oeste, teve uma influência cultural mais próxima da Europa central, enquanto a região leste esteve ligado à Rússia. A Ucrânia fez parte do Império Russo e, depois, foi uma das 15 repúblicas que formaram a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) até o seu desmembramento em 1991. Aparecido e Aguilar (2022) consideram que o sentimento de nacionalismo se originou em oposição ao domínio polonês e russo; além de se acharem relegados a marginalidade do governo central, pois o próprio nome Ucrânia significa em russo periferia. Ou seja, os ucranianos não queriam ser “a periferia da periferia”, principalmente, na virada para o século XXI, destarte, o alinhamento com a Europa se tornou uma opção preferível, pois significaria um protagonismo cenário mundial.

Ainda no século XX, entre os anos de 1920 e 1930, essa tensão e percepção de exploração da Ucrânia por parte do governo central da URSS se aprofundou com o que foi conhecido como Holodomor, o genocídio ucraniano ou a Grande Fome. Neste episódio histórico, o líder soviético Josef Stalin implantou um processo malconduzido de coletivização da agricultura, no qual, as terras e a produção foram apropriadas pelo Estado, suscitando a pauperização da população e, em consequência, gerando a morte de milhões de pessoas. Este fato fortaleceu um sentimento nacionalista entre os ucranianos e uma rejeição ao universo soviético que vai crescendo ao longo das décadas, tendo como um ponto de contraste o universo europeu ocidental com os seus ideais libertários e democráticos. E, mesmo a Alemanha Nazista foi bem recebida por boa parte de ucranianos na ocasião da Segunda Guerra Mundial, pois representavam uma possibilidade de se libertarem da presença soviética (MIGOWSKI, 2022). Timothy Snyder (2008) afirma que a Segunda Guerra poderia fornecer essa libertação. Desta forma, uma aproximação com Hitler implicaria o distanciamento de Stalin, observando um viés patriótico para o povo ucraniano, e não um alinhamento ideológico com o nazismo.

Na década de 1990, houve a Revolução do Granito (foto abaixo) na Ucrânia, na qual, grupos de estudantes ucranianos organizaram barracas e se instalaram na Praça da Revolução de Outubro, que hoje é a famosa Praça da Independência (Maidan), iniciando uma greve de fome e reivindicando eleições parlamentares, a nacionalização das propriedades do Partido Comunista e a renúncia do primeiro-ministro Vitaly Masol. Esta revolução desafiou de forma bem nítida o governo central soviético, demonstrando a insatisfação de parcela da população com os rumos da Ucrânia sob a égide da URSS. No ano seguinte, em 1991, a Ucrânia se separa da União Soviética e declara a sua independência.



Jovens ucranianos na Praça da Independência, em Kiev, no início da Revolução do Granito em outubro de 1990 (Foto: CreativeCommons/RFE)

Jovens ucranianos na Praça da Independência, em Kiev, no início da Revolução do Granito em outubro de 1990 (Foto: CreativeCommons/RFE)

Após o fim da URSS, a Rússia assume o legado soviético e não consegue enxergar a Ucrânia como uma nação independente, e tenta fortalecer o histórico étnico-cultural e político envolvido. Evidentemente, que uma das partes fulcrais do apego da Rússia à Ucrânia coloca em jogo o interesse geopolítico. No entanto, há uma divisão na Ucrânia, no qual a parte oeste, como já foi citado, tendeu para a Europa Ocidental e o leste se manteve favorável a uma ligação estreita com a Rússia. Neste contexto, os ataques aos patrimônios históricos, ligados ao passado soviético, realizados entre o fim de 2013 e o ano de 2014, demonstram que as tensões estavam postas e que os conflitos armados também se dão por embates que envolvem a narrativa e construção ou a desconstrução de símbolos. E a gramática utilizada pelos ucranianos, neste período, para marcar a sua posição política e de modelo de nação foi adentrar neste novo movimento iconoclasta presente em vários países do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iconoclastia não é um apanágio do século XXI, em vários momentos de grande efervescência política e social, a destruição ou a remoção de monumentos históricos foi praticada, como no caso, do ataque à estátua do Rei George III em Manhattan, em 1776, durante o processo de Independência dos EUA (IZECKSON, 2017). A iconoclastia sempre atende a uma demanda específica, determinada espacial e temporalmente. Na maioria das vezes, ela está atrelada a uma proposta de identidade nacional, mas no sentido de negação. Ou seja, a nação que se criar ou ratificar não pode estar associada a uma imagem que não mais se identifica com o Estado desejado. A formação de uma identidade nacional que servisse como referência de progresso e civilização no país correspondia a desvinculação, imaginada por uma parcela da sociedade ucraniana, com a identidade soviética ou russa. Inclusive, para os nacionalistas ucranianos os separatistas de Donetsk e Lugansk não podem estar automaticamente ligados os russos, pois a sua colonização foi realizada por ucranianos e alguns estrangeiros como sérvios e búlgaros, ou seja, não são totalmente de origem russa (APARECIDO; AGUILAR, 2022).

Seguindo uma lógica hegeliana, essa negação consubstanciada pela iconoclastia ucraniana suscita uma afirmação, que é a própria localização identitária para um posicionamento de nação. A ideia de

nação é uma disputa que se passa pela esfera simbólica, por uma construção social, que se manifestou durante a Revolução da Dignidade e no conflito do governo ucraniano com os separatistas da região de Donbass.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sergio Luiz Cruz. A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia. **Série Conflitos Internacionais**. V9 n1 Fev/2022.

ESG (Escola Superior de Guerra). A Crise Russo-Ucraniana: Percepções Brasileiras. **Cadernos de Estudos Estratégicos**. n1 2022.

FERNANDES, Caroline C. O Iconoclasmo Bizantino: problemas e perspectivas. **Revista Mundo Antigo**. Ano IV v4 n8 Dez/2015.

GONTIJO, Fabiano. Nação, simbolismo e revolução na Ucrânia: experiência etnográfica tensa na/da linearidade. **Revista Antropológica da USP, São Paulo**, v. 63, n. 3, 17 dez. 2020.

IZECKSOHN, Vitor. **Os monumentos confederados nos Estados Unidos: memória, e política**. 2017. Disponível em < Os monumentos confederados nos Estados Unidos (cafehistoria.com.br)> Acesso em 09 de Jan 2023.

MIGOWSKI, Eduardo. **Ucrânia, uma história inconveniente**. 2022. Disponível em < Ucrânia, uma história inconveniente - Outras Palavras> Acesso em 10 Jan 2023

SNYDER, Timothy. **O príncipe vermelho: as vidas secretas de Wilhelm von Habsburgo: de líder nacionalista ucraniano a espião na União Soviética**. 1º ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.